

A LONGEVIDADE E A PRÁTICA DOCENTE

Eline dos Anjos Nogueira Matias
PROF^a.DRA. Jacira Câmara

RESUMO

O tema longevidade tem sido foco de debates e estudos devido às suas implicações da nova ordem social, do aumento da população mais idosa e da diminuição da população jovem. Essa nova realidade traz a necessidade de redefinir o envelhecimento inclusive no âmbito profissional. Nesse sentido, essa pesquisa objetivou confrontar como os professores longevos e seus alunos percebem as influências da longevidade em sua prática docente. Analisou a percepção do professor longo acerca de sua metodologia e identificou a percepção do aluno sobre estas mesmas práticas. Observou-se que os dois grupos apresentam percepções diferentes sobre o mesmo assunto, mas que também existe, por parte dos alunos uma dificuldade em entender o que realmente vem a ser a longevidade

Palavras-chave: Longevidade, Prática Docente, Ensino Superior

INTRODUÇÃO

A longevidade é tema de muitos debates e tem sido observada e interpretada sob diversos aspectos. Sejam sociais, econômicos, educacionais ou outros, o fato é que, hoje é possível viver mais e, de certa forma, viver melhor, um contraste gritante com o século XIX, no qual poucas pessoas chegavam aos 40 anos, conforme registros históricos.

Essa tão comentada e celebrada longevidade é resultado direto e indireto de avanços tecnológicos, avanço da medicina, acesso à educação, dentre outros vários motivos que têm contribuído para o crescimento da população mais longeva. A longevidade crescente tem obrigado os especialistas a repensarem qual seria então o verdadeiro sentido do envelhecimento e emerge a necessidade de se redefinir a velhice.

Essa nova realidade tem repercussões e impactos diversos na sociedade e um deles diz respeito à atuação profissional do indivíduo que, ao viver mais, também tem maior disposição para trabalhar por mais alguns anos antes de se aposentar realmente.

E é dentro deste aspecto que a presente pesquisa vai se deter, mais especificamente a atuação profissional do professor longo dentro das instituições de ensino superior. Também foi tratada nesse estudo a visão do aluno é mediado por esse professor durante seu processo de aprendizagem.

A presente pesquisa se justifica pela necessidade crescente de se entender a dinâmica gerada pela longevidade nos ambientes de ensino bem como suas implicações e para isso procurou-se postar a seguinte questão de pesquisa: Qual é a percepção do professor longo e dos alunos, de Instituições de ensino Superior, a cerca de sua prática docente?

O objetivo geral desta pesquisa é confrontar a percepção do professor longo e do aluno, de Instituições de Ensino Superior, a cerca da prática docente em sala. Para atender a esse propósito foram elaborados dois objetivos específicos, são eles: analisar como o professor longo percebe sua prática docente em sala de aula e identificar como o aluno percebe a prática docente do professor longo.

ENSINO SUPERIOR: BREVE HISTÓRICO

Para que se possa entender a relação existente entre a longevidade e a prática docente em sala de aula, é necessário um levantamento de como esse tema tem sido tratado na literatura. Inicialmente é apresentado um breve histórico sobre o ensino superior no Brasil e, em seguida, discorre-se sobre a contribuição do professor longo nas instituições de ensino superior.

Uma instituição de ensino tem como função preparar os alunos para exercer uma profissão correlata a esse curso, em uma determinada organização contratante. O aluno é como um produto presumivelmente preparado para exercer uma determinada função. Espera-se que “esse produto” saia das Instituições de Ensino Superior com incorporação do saber adquirido ao longo do ensino-aprendizagem já com um conjunto de habilidades, competências e conhecimentos valorizados e reconhecidos pelas organizações que o contratam.

Não há consenso na literatura sobre a data de criação da primeira Universidade no Brasil. Há diversos autores que apresentam as suas contribuições sobre o histórico do nascimento da Universidade, por exemplo, Tobias (1980), a primeira universidade foi criada em 1990, em Manaus; Vahlet *al* (1989), a primeira universidade do País foi a do Paraná, criada em 1912; e para Marcovith (1989), a primeira universidade foi a de São Paulo, fundada em 1911. Segundo Cunha, a primeira Instituição de Ensino Superior do Brasil que prosperou com o nome de universidade foi a universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920.

Devido ao clima político no País, a Universidade do DF careceu da simpatia do Ministério da Educação, menos de quatro anos foi extinta por decreto presidencial. Os seus cursos foram transferidos para a Universidade do Brasil, a antiga Universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920. A criação da Universidade do Brasil serviria como modelo único de Ensino Superior para todo o território Nacional.

Na década de sessenta, o sistema de ensino superior foi-se ampliando gradualmente, onde a demanda por formação superior crescia mais do que a oferta. Cunha (1988) afirmou que 28.728 alunos aprovados nos exames vestibulares para as universidades públicas não foram admitidos por falta de vagas.

De acordo com Silva (2003), a partir de 1960, e principalmente após o Golpe Militar em 1964, o Estado procurou criar os pilares de uma política de ciência e tecnologia tomando como base as universidades públicas e os institutos públicos de pesquisa.

Antes da reforma universitária de 1968, a Educação Superior era organizada em escolas profissionais independentes e com pouca ênfase na pesquisa. A reforma trouxe várias mudanças, dentre elas: a eliminação da cátedra, a criação de institutos básicos, a instituição do departamento como unidade mínima de ensino e pesquisa, a alteração do vestibular que passou a ser classificatório e a institucionalização do sistema de crédito e da semestralidade. Uma das consequências imediatas da reforma foi a reprodução de cursos nas áreas sociais humanas. Apesar da ênfase para que as instituições desenvolvessem a pesquisa, a legislação não considerou a enorme pressão para a educação de massa que existia desde então.

A Universidade de Brasília foi criada com a transferência do capital do Rio de Janeiro para Brasília em 1961, cujos principais objetivos eram o desenvolvimento de uma cultura e uma tecnologia nacionais. A sua estrutura era integrada, flexível e moderna, seguindo o modelo norte-americano. Organizou-se na forma de fundação e os departamentos substituíram as cátedras.

O setor privado começou a se consolidar no Brasil a partir de 1933, que correspondia 64,4% dos estabelecimentos e por 43,7% das matrículas no Ensino Superior (Sampaio, 1999). A expansão do setor privado deu-se nas décadas de 1960 e 1970, muitas das quais resultantes da transformação de antigas escolas secundárias, visto que a preocupação quase exclusiva do setor privado era para com o atendimento da demanda por ensino.

Schwartzman (1990) diz que os cursos criados na época de 60 e 70 faziam parte de “carreiras modernas” como os cursos noturnos de Direito, Administração e Pedagogia que eram oferecidos por escolas isoladas para jovens recém-egressos do curso secundário sem condições financeiras para continuação de estudos e que aspiravam a uma formação de nível superior.

Ao longo dos anos 80, a Educação Superior manteve-se relativamente estagnada e retomou seu crescimento nos anos mais recentes, devido à grande expansão do Ensino Médio, que tem crescido em alguns anos em até 20%, aumentando assim o número de candidatos à Educação Superior.

A Educação Superior no Brasil atinge hoje um sistema complexo e diversificado de instituições públicas e privadas com diferentes tipos de cursos e programas, incluindo os níveis de ensino, desde graduação à pós graduação, lato e stricto sensu.

Contribuição dos professores longevos na Instituição do Ensino Superior

“Saber envelhecer é a maior sabedoria, um capítulo mais difíceis da grande arte de viver”. Amiel.

“Envelhecer é um mau hábito que o homem ocupado não tem tempo de adquirir”. Anônimo.

A velhice vai se construindo dia a dia, desde a juventude. Não se deve considerar a velhice como a época em que se está à beira da morte, mas como uma idade para se desfrutar a vida de ser produtiva, (REPRESAS, 2001, p. p.170). E para desfrutar plenamente esta etapa particular da vida, a pessoa deve estar consciente de seus aspectos positivos e das perspectivas favoráveis que oferece. Afirma-se que o envelhecimento não reside no número de anos que a pessoa tem, mas sim depende de uma certa atitude frente à vida. É uma etapa de desenvolvimento do homem e não o seu fim. Segundo o autor, a atividade mental é um dos requisitos que conduzem a uma velhice satisfatória. Porque um longo vivo que estimule a mente seu cérebro permanecerá jovem e a psique também se manterá jovem.

Objetivo deste trabalho é buscar evidência da participação dos longevos nas Instituições de Ensino Superior, analisando a diferenciação entre a profissão dos professores longevos exercida nos anos de juventude, de produtividade, com a sua contribuição no tempo de longevidade. Ou seja, investigar a qualidade de um professor longo vivo no IES, identificando a sua sinergia, as suas atitudes, o seu método, a sua didática em consonância com os desafios que estão atravessando as IES na atualidade, a fim de desvelar a possibilidade de ligação velhice e profissão.

Os professores passam por um ciclo da vida profissional, diferentes expectativas, preocupações, satisfações e frustrações. Os estudos de Huberman(1989) apresentam cinco etapas de desenvolvimento de professores:

1. Entrada na carreira;
2. Estabilização (4 a 6 anos);
3. Diversificação, ativismo ou questionamento;
4. Serenidade distanciamento afetivo ou conservadorismo entre (25 e 35 anos);
5. Desinvestimento (35-40 anos).

Um professor da IES ou de uma universidade, como de qualquer outro nível, não necessita apenas de conhecimentos sólidos na sua área, mas também de habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz. A eficácia do IES

depende de múltiplos fatores; embora, no processo de ensino aprendizagem, tenha sido atribuída maior importância ao professor como facilitador da aprendizagem.

Alguns pontos importantes que devem ser considerados pelos professores para conseguir melhores resultados em relação à concentração dos alunos:

- a) Humor- professor bem-humorado;
- b) Entusiasmo – o entusiasmo do professor, em geral, transmite-se para os estudantes;
- c) Aplicação prática – os exercícios e trabalhos práticos na sala de aula são muito úteis para garantir a concentração dos estudantes;
- d) Variação de estratégia do ensino – a monotonia na apresentação causa não-concentração dos alunos;
- e) Recursos instrucionais;
- f) Participação.

Atendendo as exigências dos professores da IES para que os resultados do ensino sejam melhores, o estudo objetiva encontrar impacto enfrentado pelos alunos com relação à contribuição dos professores longevos.

METODOLOGIA

Modelo de Estudo

Para verificar a percepção do professor longo da Educação Superior e de seus alunos acerca de sua prática docente e dos sentidos atribuídos ao envelhecimento, optou-se por uma investigação exploratória, de cunho qualitativo.

Participaram do estudo três professores considerados longevos (com mais de 60 anos de idade) e três turmas, totalizando 78 alunos, de um curso de graduação em Administração de Empresas de três Instituições de Ensino Superior da rede privada de ensino, situadas no Distrito Federal. A escolha das Instituições de Ensino Superior para realização do estudo, foi intencional, utilizando-se como critério a disponibilidade das instituições em acolher a investigação e a facilidade de acesso.

Os alunos foram convidados a responder um questionário e os professores a participarem de uma entrevista semi-estruturada. Os dados gerados pelas entrevistas constituíram um *corpus* submetido à análise qualitativa e os dados dos questionários ao tratamento quantitativo.

A entrevista semi-estruturada consistiu nas seguintes indagações: (1) a longevidade contribui para a atuação em sala de aula e, em caso de resposta positiva, que tipo de contribuição gera; (2) a metodologia de ensino sofreu alterações de acordo com a evolução da maturidade do docente; (3) interfere com a motivação para o ensino em sala de aula.

Os questionários buscaram apreender entre os estudantes se a longevidade contribui para a qualidade de ensino do professor, o aumento da motivação e do dinamismo das aulas e maior atenção aos alunos. Perguntou-se também sobre o papel da experiência de vida na promoção do ensino-aprendizagem, a relação entre titulação e a produção científica e longevidade dos professores.

A estrutura dos questionários foi definida baseada na escala de Likert que considera para cada proposição uma graduação de 5 a 1 (5,4,3,2,1), analisando assim quais proposições alcançaram valores mais altos ou mais baixos para os entrevistados (MARCONI, 2007). Os valores atribuídos para as questões foram: “discordo totalmente”, valendo 1, até “concordo totalmente”, valendo 5. Buscou-se estabelecer o *Ranking* Médio (RM) do questionário, mensurando o grau de concordância das opiniões dos alunos que participaram da investigação.

Os dados dos questionários foram cruzados com os resultados da entrevista com os professores, para verificar se a concepção dos alunos estava de acordo com a percepção dos professores.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.

Análises das entrevistas com os professores

A análise das entrevistas procura apreender como o professor longo percebe sua prática docente em sala de aula. Para tanto, as entrevistas foram transcritas e

incluíram observações acerca da linguagem corporal e facial dos entrevistados, além da prosódia ao longo das falas, compondo um corpus submetido à análise de conteúdo (BARDIN, 1975). Após a leitura flutuante das respostas e a ordenação de unidades de contexto, foram extraídas três categorias que nortearam a interpretação das falas: (1) Longevidade e atuação em sala de aula; (2) Longevidade e transformações metodológicas da prática docente; (3) Longevidade e motivação para o ensino.

As percepções dos professores, considerando a primeira categoria, *Longevidade e atuação em sala de aula*, revelam que a longevidade é fator determinante no processo de amadurecimento da função docente, uma vez que está conectada ao autoconhecimento, ao aprimoramento de capacidades profissionais e ao acúmulo de conhecimentos de modo mais reflexivo. É fator que lhes garante legitimidade na tarefa de ensinar e promove uma forma consciente de evolução da prática docente e da responsabilidade enquanto educador. Desde essas afirmações, pode-se deduzir que, nas percepções dos entrevistados, há no desenvolvimento profissional que se reflete na atuação em sala de aula.

É importante dizer que a longevidade nós dá outra perspectiva de educação, quando comecei a ministrar aula, muitas vezes tinha posturas que afastavam os alunos de mim, pois me sentia inseguro e acabava criando uma barreira entre os alunos. Com o passar dos anos percebi que a Educação é libertadora, pois ela me libertou primeiro e agora tenho o grande desafio de levar esta concepção aos demais. Além disso, entendo que a longevidade nos ajuda no que diz respeito a nossa formação acadêmica, pois é neste período que estamos em nosso ápice profissional. (Professor A)

O amadurecimento proporcionado pela experiência é reconhecido não apenas na condição de benefício prático em sala de aula, mas também um conhecimento mais profundo da natureza humana e das expectativas que se nutre acerca da aprendizagem e do processo de formação na Educação Superior.

A longevidade traz de forma direta e indireta o amadurecimento de nossas expectativas e isso por si só já é um grande benefício, desta forma a maior contribuição trazida pela longevidade para minha atuação em sala de aula é a diminuição de expectativas, seria isso. (Professor B)

Torna-se mais maduro, mais seguro e consciente parece não significar, portanto, envelhecimento para os entrevistados e os anos são contabilizados como fonte de geração de segurança na tarefa docente e na interação com os estudantes.

A longevidade me legitima diante dos alunos, profissionalmente e isso me dá mais segurança (Professor C).

A segunda categoria, *Longevidade e transformações metodológicas da prática docente*, permite apreender que os docentes utilizam o passar dos anos para a superação das experiências de pouco sucesso na atividade docente e para aprimoramento daquelas consideradas exitosas.

Certamente, hoje consigo ter outras práticas, melhorar o que vejo que não dava certo além de procurar me atualizar às novas práticas educacionais e tecnológicas. (Professor A)

O processo de transformação da construção de alternativas metodológica na condução das atividades em sala de aula é, de acordo com os professores, perpassado pelo incremento da flexibilidade diante das mudanças que se instalam e do perfil de cada geração de estudantes que adentra a educação superior.

Minha metodologia sofreu sim alterações não só pela maneira diferente de encarar a sala de aula e os alunos, mas principalmente porque o perfil de alunos também mudou e eu acredito que um bom professor deva estar atento a isso de forma a melhorar constantemente suas práticas. (Professor B)

Os docentes assumem o processo de envelhecimento como uma etapa que galgam a maturidade, de forma confortável e construtiva. Estabelecem uma relação de causa e efeitos nas relações pedagógicas, que lhes permite identificar, de modo intencional, os resultados da ação pedagógica na construção do conhecimento do alunado.

A maturidade contribui de forma muito positiva para a minha prática docente, hoje eu reconheço os impactos que minhas ações causam em meus alunos e procuro adequar de acordo com o perfil da turma a metodologia mais apropriada. (Professor C).

A terceira categoria, *Longevidade e motivação para o ensino*, evidencia que, suplantado o exercício da profissão docente como meio de sustento, os docentes podem refletir sobre a prática docente desde outro lugar: o de outro social responsável pelo processo de humanização e formação profissional do sujeito menos experiente.

Minha motivação hoje é bem diferente de alguns anos atrás, que permeava além da educação questões financeiras, hoje procuro entender melhor minha responsabilidade enquanto indivíduo. (Professor A)

A motivação deixa de estar centrada no conteúdo a ser compartilhado e migra para as interações que ocorrem entre professores e estudantes. Os docentes tornam-se mais sensíveis, portanto, às respostas positivas dos estudantes que são “sentidas” como fator de propulsão da motivação, energético potente para o ato de ensinar. No pólo oposto, o desinteresse e o distanciamento do alunado podem resultar em perda da motivação fundamental ao ato de ensinar.

Já me perguntei isso várias vezes, confesso que minha motivação não é a mesma o tempo todo e isso depende também, de certa forma, da resposta dada pelos alunos, quer dizer alunos interessados me motivam mais sabe, creio que todo professor considere isso. (Professor B).

Professores longevos parecem (res)sentir a crise que se instalou nos sistemas de ensino no que concerne aos papéis sociais de docente e de discente. A fragmentação da ética e o culto a falta de limites, juntamente com as dificuldades familiares na educação de seus membros, e, mais particularmente, de seus filhos levam a indagações importantes sobre a docência como profissão. A despeito do prazer gestado pelo ato mesmo de ensinar, as dificuldades na incorporação de papéis sociais pelos jovens, na atualidade, põem em xeque o desejo de prosseguir e abala a motivação docente.

Já estive mais motivado, as cobranças institucionais e a postura de alguns alunos em sala de aula me fazem questionar até que ponto vale mesmo a pena continuar atuando como professor. Mas em contrapartida eu gosto muito do que faço e ainda existem, poucos mas existem, alunos valem a pena. (Professor C).

Análises do questionário

Ao total foram aplicados 78 questionários para alunos de ambos os sexos, de três Instituições de ensino superior, que tiveram as identidades preservadas. As respostas às perguntas foram agrupadas e analisadas para verificar como o estudante percebe a prática docente do professor longevo, estabelecendo o *Ranking* Médio (RM) do questionário, de modo a mensurar o grau de concordância das opiniões respondentes. O RM foi obtido através da pontuação atribuída às respostas contidas no questionário, relacionando à frequência das respostas dadas, conforme explicitado na metodologia.

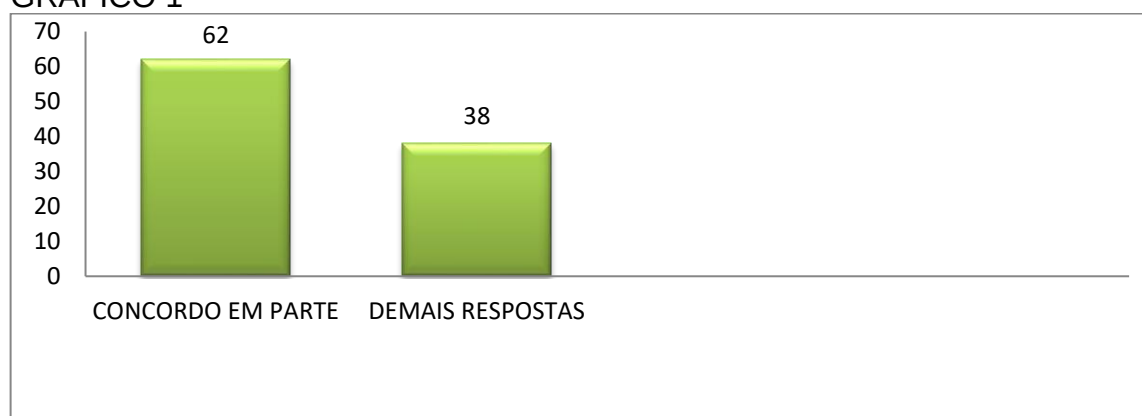
Para facilitar a compreensão dos resultados, foram construídos gráficos que proporcionam maior visibilidade das tendências das respostas.

Na questão de nº 1, que diz respeito à contribuição da longevidade para a qualidade do ensino superior, os estudantes percebem a atuação do professor longevo

ao longo de suas explicações em sala de aula. É possível observar que não é consenso entre os alunos que a contribuição da longevidade seja tão qualitativa já que 62% deles concordam com a afirmação, mas em partes apenas. Esse resultado não significa que a qualidade do ensino esteja diretamente ligada à idade do professor, pois o que se está verificando aqui é a percepção do aluno sabendo que esta pode sofrer alterações diversas em uma sala de aula heterogênea.

Questão 1: A longevidade contribui para a qualidade do ensino do professor

GRÁFICO 1

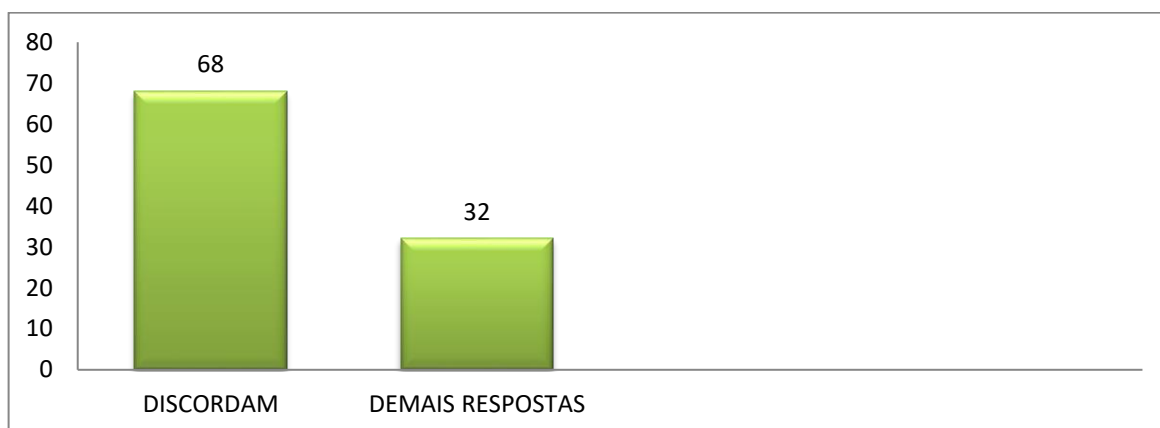


Fonte: Tabulação dos questionários aplicados

A questão nº 2 está relacionada à motivação percebida pelos alunos por parte do professor em sua dinâmica em sala de aula. Nota-se que a faixa etária é considerada pelos alunos como índice importante na motivação do professor, pois 68% destes responderam que discordam da questão apresentada. A colocação dos alunos não esclarece, porém qual faixa etária se mostra mais motivada em sala de aula. Interessante ressaltar que esse dado é bem relativo.

Questão 2: O professor longo se mantém motivado independente de sua faixa etária

GRÁFICO 2



Fonte: Tabulação dos questionários aplicados

A questão nº 3 aborda a contribuição do professor longo tempo para a aprendizagem no tocante a sua experiência de vida. Os dados obtidos revelam que os alunos identificam essa experiência de forma positiva, pois 77% destes concordam com a afirmação, porém vale ressaltar que a experiência profissional, muitas vezes citada em sala de aula, é referência dos alunos em relação à experiência de vida que, apesar de estarem muito relacionadas em alguns momentos, diferem-se.

Questão 3: O professor longo tempo contribui de forma efetiva para a aprendizagem devido a sua experiência de vida.

GRÁFICO 3



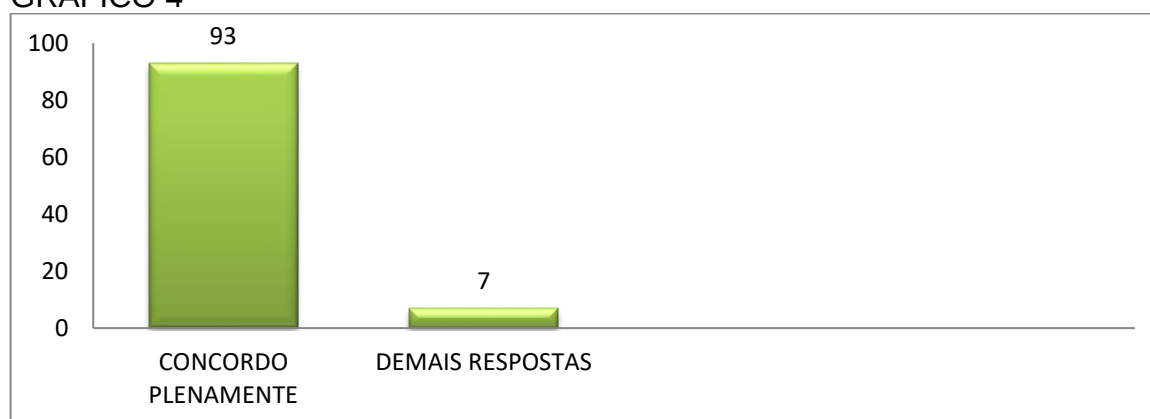
Fonte: Tabulação dos questionários aplicados

A questão nº4 trata da titulação do professor, onde é possível verificar que os alunos reconhecem a formação continuada do professor. Apesar de não haver ligação direta desta realidade com a longevidade, não deixa de ser um dado importante já que

se pode concluir que, nas instituições onde foi realizada a pesquisa, são os professores longevos que detêm a maior titulação em detrimento dos demais professores.

Questão 4: Normalmente o professor longo possui maior titulação do que os demais professores.

GRÁFICO 4

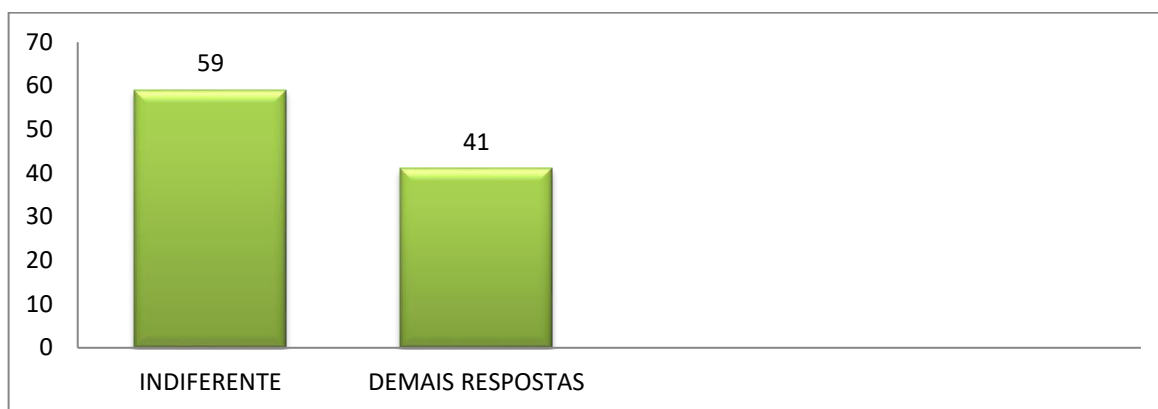


Fonte: Tabulação dos questionários aplicados

A questão nº 5 se refere à atenção dispensada pelo professor aos alunos que neste caso é percebido de forma indiferente por parte dos alunos, 59% em relação ao professor longo, ou seja, os alunos não identificam ações relevantes de aproximação por parte destes professores. Essa percepção não assegura que o professor longo não atente para as necessidades de seus alunos, pois o que os alunos consideram como atenção não foi especificada pela questão.

Questão 5: O professor longo é mais atencioso com os alunos.

GRÁFICO 5

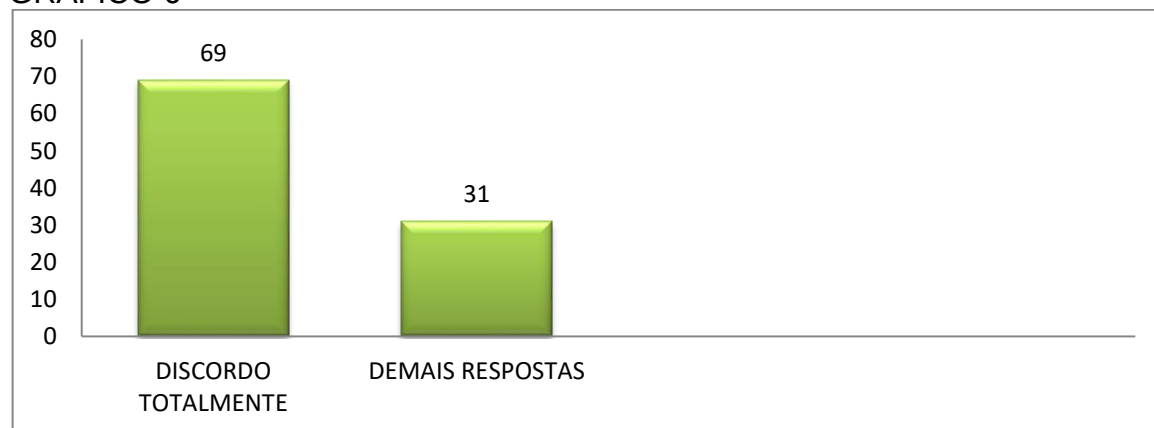


Fonte: Tabulação dos questionários aplicados

A questão nº 6 que trata da dinâmica da aula do professor, esta questão revela que 69% dos alunos que participaram da pesquisa não relacionam a longevidade a uma aula mais dinâmica. Apesar disso, o fato de não considerarem mais dinâmica não se traduz em aulas mais monótonas em relação às aulas dos demais professores.

Questão 6: As aulas do professor longo vivo são mais dinâmicas do que as dos demais professores

GRÁFICO 6



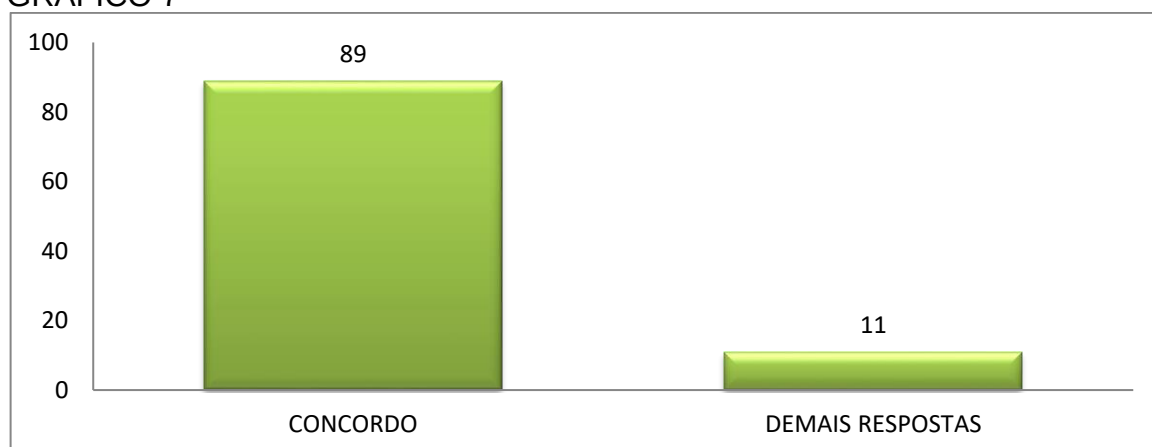
Fonte: Tabulação dos questionários aplicados

Na questão nº 7 que se refere a publicações científicas observa-se certo acompanhamento por parte dos alunos nas produções acadêmicas. Isso se deve, em grande parte, ao fato das instituições incentivarem e cobrarem essas produções de forma que os professores compartilham isso com os alunos utilizando o próprio material

em sala de aula. De qualquer forma parece ser de interesse maior do professor longo tempo a produção científica.

Questão 7: Quanto a produção científica, o professor longo tempo tem mais publicações do que os demais.

GRÁFICO 7



Fonte: Tabulação dos questionários aplicados

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo abordou a longevidade e sua relação com a prática docente em instituições de ensino superior, tendo como objetivo geral a confrontação da percepção do professor e do aluno sobre sua atuação como docente. Para atender ao que foi proposto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e quantitativo e também de caráter exploratório com coleta de dados feita por dois instrumentos, entrevistas semiestruturadas e questionário – a primeira direcionada aos professores e a segunda aos alunos.

Os dados analisados revelaram que existem diferentes percepções entre professores e alunos sobre a qualidade da prática docente e sua relação com a longevidade, o que responde a questão de pesquisa “qual é a percepção do professor longo tempo e dos alunos, de Instituições de ensino Superior, acerca de sua prática docente?” Os professores entendem haver relação direta com a maturidade e suas metodologias, já os alunos não percebem desta forma. O estudo não revela como estes

alunos definiriam uma boa metodologia de ensino, portanto não é possível que a percepção identificada seja relacionada à faixa etária do professor.

Um dado interessante revelado pela entrevista feita com os professores diz respeito à motivação destes. Apesar de se entender que o fato de gostarem do que fazem por si só já seria um fator motivacional, as respostas dadas indicam que a postura do aluno diante da sua própria aprendizagem tem uma força bem maior no estado motivacional do docente longo.

Outro fator relevante é referente à indiferença constatada por parte dos alunos quanto à atenção dispensada pelos professores longos as suas turmas. Sabendo que os professores atendem prontamente a todos, os alunos que os procuram para tirar dúvidas ou apenas para conversar poderia, neste caso, estar atribuindo essa indiferença a um contexto não generalizado da relação entre os professores longos e seus alunos, o que corrobora para o resultado obtido.

Pelo exposto, pode-se afirmar que a proposta inicial da pesquisa, ou seja, seu objetivo geral, assim como os específicos, foi atendida visto que foi estudado qual é a percepção dos alunos e professores a cerca da longevidade e sua atuação em sala de aula.

Outra constatação importante que deve ser comentada é o reconhecimento da experiência de vida do professor como contribuição efetiva dentro de sala de aula por parte dos alunos em detrimento do reconhecimento da longevidade como fator qualitativo para a metodologia de ensino. Essa diferenciação de resultados pode revelar que os alunos não entendem realmente o que vem a ser a longevidade do professor em sua essência e isso se deve, em muitos casos, à concepção cultural recebida por parte da sociedade em que estão inseridos acerca da maturidade de seus profissionais.

Não é possível esgotar esse tema apenas em uma pesquisa dissertativa, o que sugere ou recomenda que outros estudos complementares sejam feitos nesse espaço acadêmico, buscando maior interação com a qualidade metodológica do professor e sua longevidade.

Referências:

CUNHA, L.A.C.R.A universidade crítica: o ensino superior na República populista.

Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo:Atlas,1999.

LAKATOS, E.M., MARCONI, M. de A. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2003.

MASCARO, S.A. O que é a velhice . São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. São Paulo : Atlas,2007

PAIVA, W.C. Os sentidos do envelhecer: Memórias e Identidades de Idosas. São João

Del – Rei, 2011.

SAMPAIO, H.M.S.O Ensino Superior no Brasil: o setor privado. São Paulo: Hucitec;

FAPESP, 2000.

SCHWARTZMAN, J; SCHWARTZMAN, S. O ensino superior privado como setor econômico. Rio de Janeiro: BNDES, 2002. Disponível em: <www.schwartzman.org.br>

Acesso em: 24 jul. 2013.

SCHWARTZMAN, S. Tradição e modernidade da universidade brasileira. São Paulo. 1990.